

Diferentes corpos em diferentes lutas

Jorge Luiz de Oliveira Junior

A experiência pedagógica com lutas aconteceu nas aulas de Educação Física da Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Correia, localizada na zona leste da cidade de São Paulo, em três turmas de 7º anos, entre os meses de maio e julho de 2022. A escola funciona em dois períodos: o da manhã acolhe turmas dos ciclos interdisciplinar e autorial (6º ao 9º ano) e o da tarde as turmas do ciclo de alfabetização e interdisciplinar (1º ao 5º ano). Embora a tematização tenha ocorrido em três turmas, relatarei a experiência pedagógica de uma delas.

Para registrar o trabalho, utilizei um caderno próprio, além de fotografar e gravar vídeos de alguns encaminhamentos pedagógicos. Registrei, principalmente, os acontecimentos das aulas e algumas significações expressas pelos/as estudantes que auxiliaram no constante replanejamento. Destaco ainda que na rede municipal de ensino de São Paulo são 3 aulas de Educação Física semanais nas turmas de 6º ao 9º anos. Duas aulas seguidas em um dia da semana – configuração conhecida como dobradinha – e uma aula em outro dia.

Havíamos finalizado a tematização do vôlei, quando acessamos conhecimentos referentes às características do jogo e os clubes envolvidos nas competições oficiais, uma vez que a turma conhecia muito pouco sobre isso. Levando isso em conta e após retomar com a turma o que haviam estudado nos anos anteriores, entendi que seria apropriado tematizarmos alguma luta, uma vez que fazia certo tempo que não abordavam essa prática corporal. Coletei essa informação com outros professores de Educação Física da escola que trabalharam com a mesma turma em anos anteriores. Considerei, também, que alguns meninos envolviam-se com frequência em brincadeiras de lutinha, quando um agarra o outro e tenta derrubá-lo. Quando informados sobre o tema daquele período, reagiram: “Ah, professor, lutar é só dar porrada, vamos jogar bola”; “A gente já estudou jiu-jitsu, vamos fazer outra coisa!”; “Mas, o jiu-jitsu faz tempo que a gente fez”; “Bem que a gente poderia fazer socos e cotoveladas igual no muay thai (ficou em pé e demonstrou os golpes)”. Questionei se em todas as lutas era permitido dar socos. Houve quem dissesse que sim.

Nessa mesma aula, apresentei imagens de lutas variadas. Notei que parte da turma se animou com as imagens do muay thai, graças à possibilidade de dar cotoveladas e joelhadas, porque de acordo com um estudante da turma “não pode dar cotovelada e joelhada em outras lutas como o karatê e o judô”, riram nas imagens de sumô por causa da vestimenta específica e da obesidade dos/as praticantes, e curtiram as imagens da esgrima porque lutavam com espadas. Registrei esses acontecimentos em meu caderno para retomá-los adiante.

Na aula seguinte, relatei o que havia percebido das reações da turma com as imagens das lutas. Com base no artigo *Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais*¹, anotei na lousa a classificação das lutas com exemplos: lutas com agarre (curta distância), lutas com golpes (média distância) e lutas com o uso de implemento/armas (longa distância). Solicitei que citassem lutas que se encaixam nessas categorias. Ao final, apresentei à turma o artigo em que havia acessado esses conhecimentos. Disse que de acordo com o que alguns/as estudantes haviam falado na aula anterior sobre todas as lutas permitirem socos, tematizaríamos três lutas, uma de cada tipo, como forma de conhecer a existência de práticas distintas, cada qual com suas características e regras. Estabeleci o sumô, muay thai e esgrima, pelo fato de terem despertado reações interessantes no grupo. Alguns/as demonstraram animação, enquanto outros/as se mantiveram resistentes ao tema.

Entre uma semana e outra, revisitei o *Currículo da Cidade da Educação Física*, documento orientador da rede municipal, para selecionar alguns objetivos, que foram reescritos de acordo com o nosso contexto: vivenciar diferentes estilos de lutas e conhecer suas características; identificar os corpos-praticantes² de cada uma delas.

Iniciei a aula seguinte apresentando, de forma geral, os objetivos de nossa tematização. Em seguida, assistimos a vídeos de sumô (todos disponíveis no YouTube): lutas de sumô feminino e masculino; vídeo com explicação de rituais e gestualidades; e um fragmento do filme *Carrossel 2*³ em que aparece uma luta de sumô. A cada novo vídeo

¹ GOMES, M. S. P et al. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 207-227, abril/junho de 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/9743> Acesso em 12 fevereiro 2023.

² Enquanto essa experiência pedagógica acontecia, eu participei de uma disciplina no programa de Pós-graduação da FEUSP intitulada “EDM5137: Educação de Corpo Inteiro”, ministrada pelas Prof^{as} Dr^{as} Mônica Ehrenberg e Patrícia Prado. O corpo foi objeto central nas análises e discussões, que me auxiliaram nas problematizações durante a tematização.

³ Carrossel 2: O sumiço de Maria Joaquina. Direção de Mauricio Eça. São Paulo: SBT et al., 2015, 93min.

assistido, pedia que fizessem comentários e entrevistava, visando explicar alguns pontos específicos da luta. Nos vídeos das lutas de sumô, pedi que observassem e relatassem os tipos de corpos dos/as praticantes. Mais uma vez, surgiram comentários e risos sobre os corpos obesos. Dois vídeos, mostraram lutadores/as magros/as e altos/as, o que auxiliou a perceber que ser obeso/a não é uma condição para lutar sumô.

Aproveitei para problematizar as visões da turma sobre o sumô e seus/suas praticantes. Disse que aprendemos em nosso cotidiano que existe um “corpo ideal” que todos e todas devemos ter e que esse pensamento leva a estranhar outros corpos. Alguns/as falaram que esse “corpo ideal” é magro, alto, branco, de olhos azuis, cabelo liso. Uma estudante relatou ter visto na televisão que o Brasil é um dos países que mais fazem cirurgias plásticas no mundo, justamente para conseguir esse “corpo ideal”, e que seus familiares querem fazer cirurgia plástica. Alguns/as estudantes disseram conhecer pessoas que querem se submeter à cirurgia plástica. Enfatizei que isso demonstra o interesse das pessoas em buscar esse “corpo ideal” e que isso não é natural, mas uma construção social. E se construímos isso, podemos construir outros pensamentos também. Retornamos aos vídeos de sumô e pedi que identificassem o objetivo da luta. Perceberam que os/as lutadores/as tentam derrubar o/a oponente ou deslocá-lo/a para fora da área de combate. Perguntei se havia relação dessa regra com os corpos dos/as praticantes. Nisso, muitos/as estudantes compreenderam que sim, porque é mais difícil empurrar e derrubar uma pessoa obesa.

Dirigindo-nos à quadra, nos organizamos em duplas para lutar sumô. Alguns/as reproduziram a gestualidade apresentada nos vídeos, inclusive, fazendo os rituais iniciais (elevar as pernas, uma de cada vez, e colocar as mãos no chão para iniciar a luta). Outros/as lutaram apoiando as palmas das mãos, o que permitia apenas a empurrar o/a oponente. A prática foi repetida em algumas aulas, nas quais estimulava as duplas a trocar de oponentes.

Na sequência, apresentei o mawashi⁴ à turma. “Olha o fraldão do sumô”, disse um estudante. Assistimos um vídeo sobre a vestimenta, e com apoio nele, expliquei algumas características: que o mawashi representava a luta limpa e justa, ou seja, que o/a lutador/a não portava armas, e que apenas uma pessoa muito próxima e confiável poderia colocá-lo no/a lutador/a. Comentamos o uso do termo “fraldão”, recuperando a explicação de

⁴ Os mawashis foram emprestados por outro professor de Educação Física da escola, que os adquiriu em função de uma tematização que desenvolveu anos atrás.

construção com base em nossa cultura e naquilo que nos é familiar. Um estudante da turma, praticante de jiu-jitsu, disse que precisamos respeitar as roupas dos/as lutadores/as, pois envolvem uma série de rituais que desconhecemos. Citou como exemplo seu kimono e sua faixa e que seu mestre ensinou que mantê-los organizados e limpos demonstra respeito com o jiu-jitsu. Passamos a praticar o sumô com a utilização dos mawashis. Uma estudante e me disse que, certa vez, havia visto um vídeo em que mostrava que o lutador de sumô era visto como uma celebridade no Japão. Ao ouvirem, os/as colegas que estavam mais próximos/as, duvidaram dessa informação.



Fonte: acervo do autor.

Na outra aula, o estudante praticante de jiu-jitsu me procurou dizendo que havia trazido seu kimono e faixa para apresentá-los à turma. Convidei-o a narrar sua experiência na luta. Ele repetiu que manter as roupas organizadas representa o respeito às lutas. Perguntei-lhe como o jiu-jitsu poderia ser classificado e ele disse que seria luta de agarre, igual no sumô, porque não tem socos e chutes. Muitos/as nesse momento concordaram com ele e lembraram a tematização de jiu-jitsu que desenvolveram anos atrás com outro professor da escola.



Fonte: acervo do autor.

Assistimos a um vídeo que trata da rotina de um atleta profissional de sumô: seu dia a dia, seus auxiliares responsáveis por cozinhar, arrumar o espaço de treino e cuidar das vestimentas. Mostra que Yokozuna é o título dado ao sumotori (lutador/a de sumô) com o grau mais elevado e o/a melhor lutador/a. O vídeo mostrou um Yokozuna andando de limusine em direção a um importante evento no Japão, ou seja, sendo tratado como celebridade, conforme a aluna havia dito. Na sequência, assistimos a vídeos⁵ de judô, jiu-jitsu, luta olímpica (wrestling), luta marajoara e huka-huka. Ao final de cada vídeo, solicitei a identificação das principais características. A turma percebeu que nenhuma delas empregava socos e chutes, por isso se classificam como lutas de agarre ou curta distância.

Na semana seguinte, informei que iniciariamos o trabalho com o muay thai. Nos deslocamos para um espaço da escola em que há um gramado sintético e levei raquetes e aparadores de chute, equipamentos utilizados no treino de lutas. Expliquei seu manuseio e função. Em seguida, um estudante que havia dito que aprendera muay thai com seu tio, demonstrou alguns golpes. Experimentamos chutes, socos, joelhadas e cotoveladas nos materiais mencionados.

Na outra aula, assistimos a vídeos diversos de muay thai: lutas de campeonato masculino e feminino, gestualidades e técnicas de combate e luta de crianças. Repetimos o exercício de análise dos corpos praticantes, assim como fizemos com os vídeos de sumô. Alguns/as estudantes falaram que os corpos eram mais magros e com músculos definidos. Perguntei porque, em sua maioria, possuíam aquele formato. “É assim porque eles aguentam pancadas”; “Precisam chutar mais rápido”; “Conseguem desviar dos golpes”.

Provoquei a turma: por que não riram desses corpos como fizeram com lutadores/as de sumô? E, quem ganharia uma luta entre um/a lutador/a de muay thai e um/a de sumô? Voltamos a discutir sobre a aceitação de corpos magros e a rejeição de corpos gordos. Enfatizei, novamente, que esse pensamento não é algo natural, mas construído cotidianamente. A respeito da segunda provocação, muitos/as quiseram falar ao mesmo tempo. Percebi que levantaram hipóteses e elaboraram estratégias diversas que cada lutador/a poderia adotar. Observei que, em certa medida, haviam percebido as características das lutas abordadas.

⁵ Os vídeos selecionados ao longo da tematização englobaram diferentes corpos que praticam as lutas apresentadas: crianças, idosos, mulheres, homens, pessoas negras, atletas profissionais e amadores, pessoas com deficiência etc.

Voltamos à quadra para retomar a luta em duplas, contudo os equipamentos fizeram mais sucesso entre os/as estudantes do que a própria luta entre eles/as. Enquanto isso, o estudante cujo tio é praticante de muay thai me procurou para falar que a prática é conhecida como a luta das oito armas. Pedi que explicasse à turma essa nomenclatura. Ele explicou que as oito armas representam os dois punhos, dois cotovelos, dois joelhos e dois pés.



Fonte: acervo do autor.

Na outra semana, assistimos a vídeos de taekwondo, karatê, capoeira angola, capoeira regional, boxe e kickboxing. Ao final de cada vídeo, solicitei a análise e identificação das características. Observaram com facilidade que em todas há golpes de socos e chutes, além de não ser permitido segurar o/a oponente. Um estudante comentou que no vídeo do boxe e do karatê, quando os lutadores se aproximavam, o juiz parava a luta para separá-los. Perguntei se sabia o motivo disso e ele respondeu que os lutadores precisavam estar distantes para aplicar os golpes.

Nessa mesma aula, projetei a notícia: [Morte de menino pode proibir prática de muay thai infantil na Tailândia \(estadao.com.br\)](https://estadao.com.br). Ela serviu como elemento disparador para problematizarmos a possibilidade de ascensão social por meio da luta, no caso, o muay thai na Tailândia. Relembrei o Yokozuna, visto como celebridade no Japão e propus que pensassem se havia algo semelhante no Brasil. Imediatamente, grande parte da turma comentou sobre ser jogador de futebol para ganhar muito dinheiro e ficar famoso. Conversamos sobre os corpos-praticantes e suas representações em cada uma das situações e sobre esse pensamento ser uma marca da sociedade neoliberal em que vivemos, onde se valoriza a individualidade, a competitividade e a meritocracia.



Fonte: acervo do autor.

Entre uma aula e outra, um aluno do 9º ano, praticante de taekwondo, ao ver que estávamos tematizando lutas, se ofereceu para ajudar. Expliquei que estávamos tematizando muay thai naquele momento e que seria muito bem-vindo, porém eu precisaria avisar a turma primeiro. Na aula seguinte ele compareceu à quadra, se apresentou, relatou brevemente a sua experiência na luta e demonstrou alguns golpes de taekwondo, a maioria com chutes giratórios e voadoras. Ele fez questão de dizer que o taekwondo não possui golpes com o cotovelo e o joelho, como ocorre no muay thai. Feito isso, os/as estudantes vivenciaram alguns chutes giratórios e voadoras nos aparelhos com o auxílio do nosso convidado.

Na outra semana, assistimos a diversos vídeos de esgrima: luta oficial de mulheres e homens, de demonstração de técnicas e gestos específicos, de um fragmento do desenho *Miraculous: Ladybug* onde há luta de esgrima e de esgrima em cadeira de rodas. A turma logo se manifestou dizendo que se tratava de uma luta de longa distância porque os/as lutadores/as utilizam espadas para tocar o/a oponente. Também solicitei que analisassem os corpos presentes nas imagens e comparassem com aqueles das lutas anteriores. Alguns/as disseram que eram corpos magros e que deviam ser musculosos, mas que não dava para saber devido ao uso do uniforme. Um estudante disse que os/as lutadores/as precisam ser magros/as “porque conseguem desviar da espada e contra-atacar rápido, inclusive o lutador de cadeira de rodas”.

Como relatei antes, cursar a disciplina da pós-graduação me fez conhecer um lutador profissional de esgrima. Conversei com ele previamente sobre a tematização e verifiquei sobre a possibilidade dele ir até a escola para uma conversa com a turma.

Porém, por problemas de agenda, essa conversa não foi possível. Mesmo assim, ele compartilhou comigo alguns materiais que me ajudaram a conhecer mais sobre a esgrima.

Com base nesses materiais de apoio, pesquisei vídeos tutoriais que explicavam como fazer espadas de esgrima de jornal e papelão. Resolvi confeccionar 10 espadas de jornal para levá-las à aula seguinte. No início da aula, assistimos a dois tutoriais que mostravam a produção de espadas de jornal e de papelão, e apresentei as espadas que havia confeccionado. Como foram feitas com materiais fáceis de adquirir, disse que poderiam construí-las em casa e trazerem nas próximas aulas. Fui observando as duplas lutando e os/as lembrava para as técnicas de não cruzar as pernas, se locomover em linha reta e usar apenas uma das mãos para segurar a espada, todas elas vistas nos vídeos da aula anterior.



Fonte: acervo do autor.

De volta às aulas depois do recesso escolar, retomei com a turma a nossa tematização e até onde havíamos caminhado. Então, pautado no material compartilhado pelo lutador de esgrima, apresentei algumas imagens que explicavam sobre as modalidades florete, espada e sabre. Também conversamos sobre os corpos dos/as praticantes de esgrima. Projetei uma imagem que mostra o ranking brasileiro de lutadores da categoria masculina. Pedi que lessem os nomes e sobrenomes dos atletas e perguntei o que chamava a atenção. Depois de um tempo, uma estudante disse que são sobrenomes bem diferentes, incomuns para nós. Aproveitei o momento para falar que pelos sobrenomes dá pra se ter uma ideia de onde são esses corpos e que é muito difícil encontrar sobrenomes Silva, Oliveira, Santos, mais comuns entre nós.

Em seguida, apresentei imagens dos clubes paulistas desses atletas e falei um pouco sobre eles. Conversamos que certos tipos de corpos acessam mais facilmente esses locais, pois são pertencentes às altas camadas da sociedade. Perguntei se havia academias

no bairro que ofereciam a prática de esgrima e a maioria dos/as estudantes disseram desconhecer. Falei que isso é um exemplo da seletividade dos corpos para essa luta, que os corpos representantes da classe mais rica da sociedade tinham maior facilidade em acessar esses espaços. Observei que parte da turma demonstrou discretamente certa indignação com a situação. Na continuidade, fomos à quadra para esgrimir. Alguns/as estudantes trouxeram as espadas de jornal confeccionadas em casa.



Fonte: acervo do autor.

Na outra semana, assistimos vídeos de kendô, palo canário, luta medieval, battojutsu e campeonato de corte de espada usada pelos samurais. Como fiz nas aulas até aqui, ao final de cada vídeo, pedia que destacassem as características. Os vídeos de battojutsu e do campeonato de corte de espada katana chamaram a atenção do grupo e surgiram muitos questionamentos sobre a vida dos samurais. Com tal ânimo, disse à turma que pesquisasse informações para serem compartilhadas na próxima aula e que eu faria o mesmo.

Na data combinada cinco estudantes compartilharam os resultados de suas pesquisas. Falaram sobre a origem dos samurais, suas funções e o período em que viveram, que eram uma espécie de soldados militares que protegiam seus chefes e territórios. Além disso, comentaram que eram muito respeitados pelas pessoas e indicaram animes e mangás que retratam histórias de samurais. Aproveitei o momento para compartilhar informações de uma edição da revista chamada “Conhecer Fantástico” que tratava sobre os samurais e sua presença nos dias atuais em nossa sociedade. Conversamos sobre o porte de duas espadas e seu manuseio em situações específicas de iminente ameaça. Após minha fala, uma das alunas que compartilhou seus conhecimentos

também explicou sobre o Bushido, uma espécie de código de honra que todos os samurais devem seguir.

Como o término dos trabalhos se aproximava, nos dirigimos à quadra para realizar as lutas de livre escolha. Observei que alguns/as esgrimiam, também notei que dois estudantes amarraram duas espadas em suas cinturas, imitando os samurais vistos nas imagens, e simulavam golpes de espada com um grupo de amigos/as. Na aula seguinte, a última sobre o assunto, realizamos uma conversa para finalizar o tema. Diante de tantos posicionamentos, pude perceber que algumas falas foram no sentido de que existe uma classificação das lutas, de que nem toda luta tem soco e chute e de que, a depender da luta, certos corpos são mais presentes que outros.